

Dener Santos Silveira
Marcos Freitas Dutra

VIII ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA

Grupo de trabalho

Grupo de Trabalho 11 – O Ensino de Sociologia e a Lei 10.639/03: 20 anos de
debates sobre história e cultura afro-brasileira e indígena

**Educação das Relações étnico-raciais e o ensino de Sociologia: a categoria de
juventude negra como fenômeno social**

Belém, Pará

2023



Educação das Relações étnico-raciais e o ensino de Sociologia: a categoria de juventude negra como fenômeno social

Dener Santos Silveira¹
Marcos Freitas Dutra²

RESUMO

O presente trabalho identificar novas abordagens para educação das relações étnico-raciais no que tange ao desenvolvimento das disciplinas e áreas do Ensino de Sociologia. A educação das relações étnico-raciais tornou-se um processo emancipador para educadores e educadoras brasileiros/as após a aprovação da lei 10.639/03. Os obstáculos sobejamente previstos desde sua implementação se consolidaram num movimento transformador que, por sua importância, trouxe muitos desafios para educação brasileira em todos os níveis. Um desses níveis trata das experiências em Sociologia no Ensino Médio e da necessidade constante de integrar, aos conteúdos das Ciências Sociais, a educação das relações étnico-raciais. Destarte pretendeu-se realizar a partir de análise documental e bibliográfica e dos conteúdos trabalhados uma compreensão sobre as categorias de juventude e juventude negra. O desfecho do trabalho identificou a necessidade de repensar conceito de juventude e de juventude negra dentro da sociologia para além da descrição de faixa etária e questiona: qual o tipo de juventude estamos formando?

Palavras-chave: Relações Raciais, Racismo, Educação, Ensino Médio.

Introdução

A ideia de construção desse trabalho surgiu a partir da análise das experiências docentes de Sociologia no Ensino Médio e da necessidade constante de integrar, aos conteúdos das Ciências Sociais, a educação das relações étnico-raciais. A proposta visa reconhecer os problemas encontrados no ministrar da temática racial no Ensino Médio e, desse modo, ampliar os conhecimentos nesse nível de ensino.

1 Doutor em Sociologia PPGS/UFSCAR e Professor Adjunto do Colegiado de Ciências Sociais/DFCH/Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

2 Graduando do curso de licenciatura em Ciências Sociais – UESB/ Vitória da Conquista/BA.

Destarte pretendeu-se analisar as estratégias metodológicas utilizadas na licenciatura em Ciências Sociais/UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia(campus Vitória da Conquista/BA) e de algumas escolas estaduais de Vitória da Conquista/BA, a partir de análise documental e bibliográfica e dos conteúdos trabalhados e qual sua concepção histórica utilizada.

Buscava com a pesquisa identificar novas abordagens para educação das relações étnico-raciais no que tange ao desenvolvimento das disciplinas e áreas do Ensino de Sociologia no Ensino Médio em três frentes: a) Organização dos projetos sugeridos no material didático do Ensino Médio b) Estratégias exitosas no desenvolvimento das etapas dos projetos por área de conhecimento. c) Com esse formato de educação que tipo de juventude estamos formando?

Esse texto abordará a terceira frente, qual seja: Que tipo de juventude estamos formando? A partir da análise realizada no âmbito do Projeto de Pesquisa - Educação das Relações étnico-raciais: uma análise contemporânea do Ensino de Sociologia no Ensino Médio em Vitória da Conquista na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB/Vitória da Conquista.

A educação das relações étnico-raciais tornou-se um processo emancipador para educadores e educadoras brasileiros/as após a aprovação da lei 10.639/03. Os obstáculos sobejamente previstos desde sua implementação se consolidaram num movimento transformador que, por sua importância, trouxe muitos desafios para educação brasileira em todos os níveis. Trata-se de um processo histórico, por mostrar uma trajetória decididamente controversa de educação nacional e emancipatória, visto que também mostra como são quebradiças as bases do argumento das elites nacionais sobre a formação da nação brasileira.

Nesse movimento apresenta-se um conjunto criativo de propostas metodológicas para introduzir o ensino de história africana e afro-brasileira nas escolas e preencher a lacuna da história cultural da população negra e indígena no Brasil, muitas delas crescendo coladas a uma organização conjunta da comunidade escolar e do Movimento Negro Brasileiro. As estratégias metodológicas iniciais para a educação das relações étnico-raciais traziam como aspecto forte a ruptura com a política de representação culturalista embasada na ideia de mestiçagem, duramente questionada pelo Movimento Negro. Essas estratégias vinham somar a um corpo de

trabalhos que focavam na defesa daquilo que Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva(1995) denominou de Africanidades . Isto é, um arcabouço cultural essencialmente africano que circula na cultura popular brasileira e que compõe o patrimônio imaterial afro-brasileiro. A defesa das Africanidades vinha no sentido de desmontar a tendência de enraizamento desse legado africano nas experiências das comunidades populares, reformuladas enquanto baixas e periféricas, e mostrar que as manifestações correspondem às marcas inestimáveis da Diáspora Africana no Brasil.

Esse movimento se mostrava novo e contingente, contudo, questões saltavam dessa nova etapa de obstáculos para a educação brasileira. Após desmontar as fronteiras do discurso oficial que transformava as riquezas culturais afro-brasileiras em elementos periféricos e subalternos, como compreender de forma histórica a importância de África para o Brasil? Tratava-se de um novo horizonte, onde o nascimento do conhecimento afro-brasileiro abandonava de vez os porões dos navios negreiros e a escravidão, como marco de inauguração da população negra brasileira, e marcava a compreensão do continente africano para entendimento da ideia de Brasil.

Contextualização

As estratégias metodológicas para a educação das relações étnico-raciais, a partir da análise nesse projeto, encontram-se num embate de histórias e de contextos de opressão do legado da colonização e do racismo na sociedade brasileira. O conjunto de trabalhos e propostas para sala de aula, em todos os níveis, quase que exclusivamente se destinava ou ao válido embate de histórias marcado por um discurso de denúncias do racismo na sociedade brasileira, ou ao formato basicamente culturalista das práticas na sala de aula, reforçando sobremaneira os elementos culturais da sociedade brasileira. Os trabalhos e projetos continham em sua estrutura uma fórmula na qual não se conseguiam ver nitidamente as diferenças entre as séries ou ciclos da educação básica.

Um desafio que se apresenta nesse cenário de análise de metodologias capazes de implementar a Lei 10.639 refere-se a compreensão ao Ensino Médio, em especial, a função da disciplina de Sociologia no ensino médio a partir da educação de relações étnico raciais, com destaque para a identificação de como o

desenvolvimento satisfatório dos projetos ligados aos temas da história da África é condicionado pela garantia coletiva do desempenho das ações por área e qual a compreensão dos alunos/as sobre a temática racial e da História da África.

Metodologia utilizada para desenvolvimento da Pesquisa

Para desenvolvimento do nosso trabalho utilizamos dois níveis de pesquisa qualitativa: Nível 1 – Pesquisa Bibliográfica e Nível 2 – Pesquisa Documental. Mobilizamos instâncias empíricas e reconstruímos a realidade social do contexto da educação das relações étnico-raciais no nível de Ensino Médio, considerando as sobejas dificuldades históricas de implementação da lei 10.639/03, qual seja a influência negativa que opera deslegitimando qualquer ação que vise abordar o conceito de raça e de racismo como estruturantes num projeto de emancipação de sociedade, e enfatizando que a análise da categoria de juventude é fundamental na compreensão das mudanças no âmbito de educação antirracista.

No primeiro nível – pesquisa bibliográfica - Identificamos novas abordagens e estratégias para a organização do projeto político pedagógico para o Ensino de sociologia. Mapeamos o conceito teórico utilizado nas escolas sobre a temática étnico-racial e pesquisamos quais bibliografias são utilizadas na biblioteca da UESB - Vitória da Conquista/BA.

No segundo nível – pesquisa documental - Analisamos os procedimentos da licenciatura em Ciências Sociais da UESB sobre a temática das relações raciais, materiais de embasamento de Fóruns ligados à educação, Conselhos e Órgãos Oficiais(incluindo Planos Nacionais e deliberações internacionais) - como trabalham a temática. Buscamos analisar o contexto de implementação Base Nacional Comum Curricular – Ensino Médio - (BNCC). Como um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, a BNCC, teve grande interesse para essa pesquisa.

A coleta de dados também foi realizada por meio de algumas entrevistas abertas com alguns coordenadores/as pedagógicos de algumas escolas estaduais do município de Vitória da Conquista/BA.

Resultados Parciais desse empreendimento:

- Identificação de novas abordagens e estratégias para a organização do projeto político pedagógico para o Ensino de sociologia. A interdisciplinaridade mostrou-se capaz de reduzir disputas das áreas de conhecimentos reproduzidas na formação dos alunos/as e de docentes na rede de ensino.
- Os esforços oriundos da análise de Florestan Fernandes já denunciava à necessidade da Sociologia de estar próxima das políticas educacionais e de efetivar a democracia e repensar a ordem social competitiva alheia a dinâmica estrutural racializada do contexto nacional brasileiro. Esse processo de participação nos caminhos da educação arrefeceu nas últimas décadas e junto com esse arrefecimento as posições críticas, tais como, a correlação juventude e mercado, o que produziu um distanciamento por um lado, de análise sobre a categoria de juventude e os seus desafios no contexto atual e por outro lado, devido à ausência de ênfase crítica, a incapacidade de compreender a noção de juventude negra como fenômeno social.

As premissas produzidas nessa pesquisa são de grande importância para o debate em torno da educação das relações étnico raciais. Para os esforços nesse trabalho gostaríamos de explicar sobre a ideia de juventude negra como fenômeno social.

Usos do conceito de juventude e de juventude negra

Florestan Fernandes em seu livro Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica(1972) deu bases sólidas para que a análise ou a explicação sociológica tivesse o rigor empírico na produção do conhecimento científico em Sociologia. Destarte, os fenômenos sociais são extraídos, não da ordem de fatos dados, mas das instâncias empíricas que promovem sua reprodução. Essa estratégia foi fundamental para o êxito da premissa sobre as relações raciais e a racialização no Brasil como havia sido produzida no texto Brancos e Negros em São Paulo(1959).

Ao buscar ênfase na categoria de juventude, em especial, na clivagem juventude negra pretende-se compreender a estrutura de organização educacional e sua interpretação dos elementos sobre as relações raciais.

A juventude como conceito é uma questão sociológica importante. Giddens (2008) enfatiza os estágios formação do indivíduo, e conclui a noção de juventude como a categoria do tempo presente. Essa afirmação tem importância uma vez que compreende que no processo de socialização, - e porque não na compreensão de muitos sociólogos como forma de estranhamento – a referência de juventude corresponde a noção de movimento, no sentido de ação e transformação. Parte da discussão sociológica, desse modo, entende que a categoria de juventude é fundamental para a ideia em torno do presente nas sociedades, e que o saber sociológico opera na percepção das possíveis relações que a categoria juventude pode apresentar. Juventude e violência, desvio, criminalidade, isto é, mobilizar um conjunto de processos sociais e entendê-la a luz do saber sociológico a partir da noção de sociologia. O mesmo podemos dizer sobre, juventude, ensino, currículo educação.

Se por um lado, essa mobilização de processo em torno da juventude é fundamental, por outro, seu legado histórico pode conter alguns equívocos pela ausência de reflexão epistemológica. Ao entender os estágios como processos válidos, o que de fato são, seu uso pode restringir sua importância e assim se enterrar na tecnocracia das categorias econômicas, como estamos vivenciando na ideia de juventude como faixa etária.

Se essa premissa é válida, logo interrogar a percepção de construção de identidades ligadas à juventude também pode se tornar uma estratégia com grande validade. Esse esforço corresponde assim numa “imaginação sociológica” que permita discutir a juventude negra como fenômeno social e político e destarte, com grande poder de mudança social.

Numa das estratégias de pesquisa fizemos um levantamento bibliográfico a partir das palavras-chave juventude e juventude negra nas referências bibliográficas da base do sistema integrado de bibliotecas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB em seus três campi(Vitória da Conquista, Jequié e Itapetinga). O resultado confirma a premissa esperada, o esvaziamento do conceito de juventude (considerando a necessidade de mobilizar o saber sociológico a partir dos processos relacionados a juventude) e a ausência quase completa sobre juventude negra.

Palavra-chave: Juventudes³

Em Jequié:

<u>Juventudes: outros olhares sobre a diversidade / 2007 (Livros)</u>	ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE. Juventudes: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação, 2007. 327p.: ((Coleção Educação para todos; v.27)) ISBN 978-85-60731-29-9
<u>Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas / 2000 - (Livros)</u>	GROPPO, Luís Antonio. Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas . Rio de Janeiro, RJ: Difel, 2000. 301 p. ((Coleção Enfoques. Sociologia)). ISBN 8574320072. Número de chamada: 305.23 G915j (BJA)
<u>Gangues, gênero e juventudes: donas de rocha e sujeitos cabulosos / 2010 - (Livros)</u>	ABRAMOVAY, Miriam; CUNHA, Anna Lúcia; CALAF, Priscila Pinto; CARVALHO, Luis Felliipe de; ET.AL,. Gangues, gênero e juventudes: donas de rocha e sujeitos cabulosos. Brasília, DF: Kaco-Gráfica & Editora, 2010. 314 p.; ISBN 9788562491030 Número de chamada: 301.633 A14g 2010 (BJA)

Em Vitória da Conquista:

<u>Educação e Cidadania: / 2007 - (Periódicos)</u>	EDUCAÇÃO E CIDADANIA. Porto Alegre: Faculdades Integradas Ritter dos Reis,1999-. Semestral. ISSN 1516-2958
<u>Gangues, gênero e juventudes: donas de rocha e sujeitos cabulosos / 2010 - (Livros)</u>	GANGUES, gênero e juventudes: donas de rocha e sujeitos cabulosos. Brasília, DF: s. e., 2010. 314p. ISBN 9788562491030 Número de chamada: 305.2350981 G189g (VCA)
<u>Juventudes : outros olhares sobre a diversidade / 2009 - (Livros)</u>	JUVENTUDES: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação, 2009. 329p. (Educação para Todos 27) ISBN 9788560731299
<u>Juventudes rurais : cultura e desenvolvimento / 2007 - (Livros)</u>	CASTRO, Maurício Barros de. Juventudes rurais: cultura e desenvolvimento. Santa Cruz do Sul: Instituto Souza Cruz, 2007. 182 p. ISBN 978-85-98989-03-7
<u>Pensamento das juventudes brasileiras no século XX, O / 2010 - (Livros)</u>	O PENSAMENTO das juventudes brasileiras no século XX. Recife, PE: UFPE, 2010. 292p. (Extensão 5) ISBN 9788573157420 Número de chamada: 305.2350981 P467p (VCA)
<u>Pensando sobre políticas públicas</u>	PENSANDO sobre políticas públicas de lazer

³ Levantamento bibliográfico produzido pelas bolsistas de Iniciação Científica Dalila Logrado e Beatriz Rocha.

de lazer para juventudes em contextos de vulnerabilidade social : contribuições a partir de pesquisa em Ribeirão das Neves/Minas Gerais / 2009 - (Livros)

para juventudes em contextos de vulnerabilidade social: contribuições a partir de pesquisa em Ribeirão das Neves/Minas Gerais. Belo Horizonte, MG: PUC-MG, 2009. 176p. ISBN 9788563105004
Número de chamada: **306.4812 P467p (VCA)**

Em Itapetinga:

Mapa das juventudes de Santo André - instrumento de leitura das desigualdades sociais / 2010 - (Artigos)

YONEKURA, Tatiana; SOARES, Cássia Baldini; MINUCI, Elaine Garcia. Mapa das juventudes de Santo André - instrumento de leitura das desigualdades sociais. **Revista de Saúde Pública**, [S.l.] USP v.44, n.1 , p.45-52, fev. 2010.
Número de chamada: **610 RE.SA.PU**

Palavras-chave: Juventude negra

Obs: apenas em Vitória da Conquista

Black boy: infância e juventude de um negro americano / 1993 - (Livros)

WRIGHT, Richard. **Black boy**: infância e juventude de um negro americano. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1993. 311p. ISBN 85-85114-81-9
Número de chamada: **813 W994b 1993 (VCA)**

A pergunta que moveu nossa estratégia foi: que juventude estamos formando. Essa questão tem vários lados, mas vamos ressaltar dois: como estamos pensando a categoria juventude e juventude negra? E como estamos preparando os/as professores/as nos cursos de formação inicial de professores/as?

Ione Jovino(2005) em sua pesquisa sobre juventude negra deu título que alimenta a necessidade de uma articulação sociológica entre juventude e a clivagem racial: o modo negro de jovem o jovem de ser negro. Essa pesquisa foi realizada no âmbito do Programa de Financiamento da Fundação Ford e teve seu desdobramento na sua dissertação de mestrado: Escola: as minas e os manos têm palavra.

Essa compreensão de juventude como protagonismo revela a necessidade de re-atualizar sociologicamente a categoria de juventude e compreender que a experiência de violência racial em que a juventude negra está submetida, proporciona a noção de processos específicos que jovens negros/as estão sendo forjados.

Outro aspecto refere-se a qual formação inicial estamos fornecendo sobre juventude e educação das relações raciais. É possível concluir com certeza que professores/as serão capazes de tratar a discriminação racial na escola? Existe alguma implicação na formação que correlacione juventude negra e educação?

Seguindo o questionamento de como estamos formando nossa juventude, realizamos algumas entrevistas em escolas da rede estadual de Vitória da Conquista/BA. Os relatos foram colhidos por meio de entrevistas abertas e tinha como objetivo identificar como era abordado a implementação da Lei 10.639/03 e se existia alguma discussão específica sobre juventude e juventude negra.

Nos relatos dos coordenadores/as a temática da lei era feita por meio de projetos, normalmente no mês de novembro, devido ao “20 de novembro”, data de morte de Zumbi dos Palmares e reconhecido pelo Movimento Negro como o dia da consciência negra.

Sobre algum tipo de estratégia sobre a juventude negra, ou mesmo sobre a juventude, não existe nada efetivo nas Escolas Estaduais que participaram da nossa pesquisa responde as questões.

Gostaríamos de enfatizar duas reflexões sobre isso: a relação juventude e mercado e por outro a noção juventude e categoria tecnocrática de faixa etária.

Os esforços da análise de Florestan Fernandes mostram a necessidade da Sociologia de participar das políticas educacionais, pois compreende que esse espaço é fundamental para qualquer possibilidade de mudança. Isto é, efetivar a democracia.

Trata-se de repensar a ordem social competitiva alheia a dinâmica estrutural racializada do contexto nacional brasileiro. Compreendemos que nas últimas décadas houve um arrefecimento de posições críticas e na participação dos caminhos da educação.

A ausência de compreensão sobre juventude produziu um distanciamento por um lado, de análise sobre a categoria de juventude e os seus desafios no contexto atual, sobretudo da reflexão da relação juventude e mercado e por outro lado, devido à ausência de ênfase crítica, a incapacidade de compreender a noção de juventude negra como fenômeno social, pois ao não atualizar a noção de juventude à

compreensão restrita de faixa etária ganhou ênfase no processo, isto é, pertence à juventude aqueles indivíduos de 14 a 24 anos, comumente usada nas metodologias do – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE.

Ponderações finais

A partir do conjunto de materiais analisados e de novas percepções epistemológicas sobre juventude, compreendemos que analisar a categoria juventude negra é um caminho importante, e entendido como fundamental na explicação sociológica do fenômeno. A categoria do tempo presente é a categoria onde não ocorrem apenas as mudanças subjetivas dos agentes, mas é produtora de processos transformadores.

A juventude negra no contexto do presente se vê atacada diretamente pela força da repressão policial, sofre com o genocídio e com o legado perverso do racismo cotidiano. Que tipo de reflexão podemos ter sobre esse conjunto de indivíduos históricos? Atualmente não existe essa concepção, ou pelo menos, essa concepção não é suficiente para considerar o protagonismo desse grupo.

Ensinar e Sociologia e educar as relações raciais pressupõe ir além das noções de socialização e de estranhamento e promover uma atualização, como uma espécie de nova imaginação sociológica sobre a juventude e destarte perceber que os processos históricos, que devido sua importância fizeram parte da tradição de análise sociológica sobre a juventude, devem ser analisado as luz das experiências específicas de jovens negros/as e poder assim produzir um prognóstico que os percebam como agentes históricos de mudança do tempo presente.

Bibliografia

As resoluções da **ONU/UNESCO para a juventude e suas relações com a educação**. REV. TEORIA E PRÁTICA DA EDUCAÇÃO. v. 17, n. 1, p. Janeiro/Abril 2014.

Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP 3/2004. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília, 2004a. Disponível em: www.mee.gov.br/cne

BASTIDE, Roger, FERNANDES, Florestan. **Branco e Negro em São Paulo**. Cia Editora Nacional, São Paulo, 1959.

FERNANDES, Florestan. **Fundamentos Empíricos da explicação Sociológica**. Cia Editora Nacional, São Paulo, 1972.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2008.

JOVINO, Ione. **Escola: as minas e os manos têm a palavra**. Dissertação mestrado apresentada Programa de Pós-graduação em Educação/UFSCAR. São Carlos, 188 páginas, 2005.

Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais. Brasília, 1997**.

Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações Etnorraciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: MEC, [s.d.]. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/>>.

ONU. Assembleia Geral das Nações Unidas. **Proclamação da Década Internacional de Povos Afrodescendentes**. 2013. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/img/2014/10/N1362881_pt-br.pdf> Acesso em 13 de dezembro de 2017.

Plano Municipal de Educação – PME. Vitória da Conquista. LEI Nº. 2.042, de 26 de Junho de 2015.

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, EDUCAÇÃO E DESCOLONIZAÇÃO DOS CURRÍCULOS: **Nilma Lino Gomes**. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.

Resolução CNE/CP 1/2004. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afrobrasileira e africana**. Brasília, 2004b. Disponível em: www.mec.gov.br/cne

Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/2745/2092>

SANTOS, Gislaire Pereira dos. **BNCC E O FUTURO DA SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO** – uma análise comparativa.

SILVA, Petronilha Beatriz, **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil Educação, vol. XXX, núm. 63, setembro-dezembro, 2007, pp. 489-506** Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Brasil.

